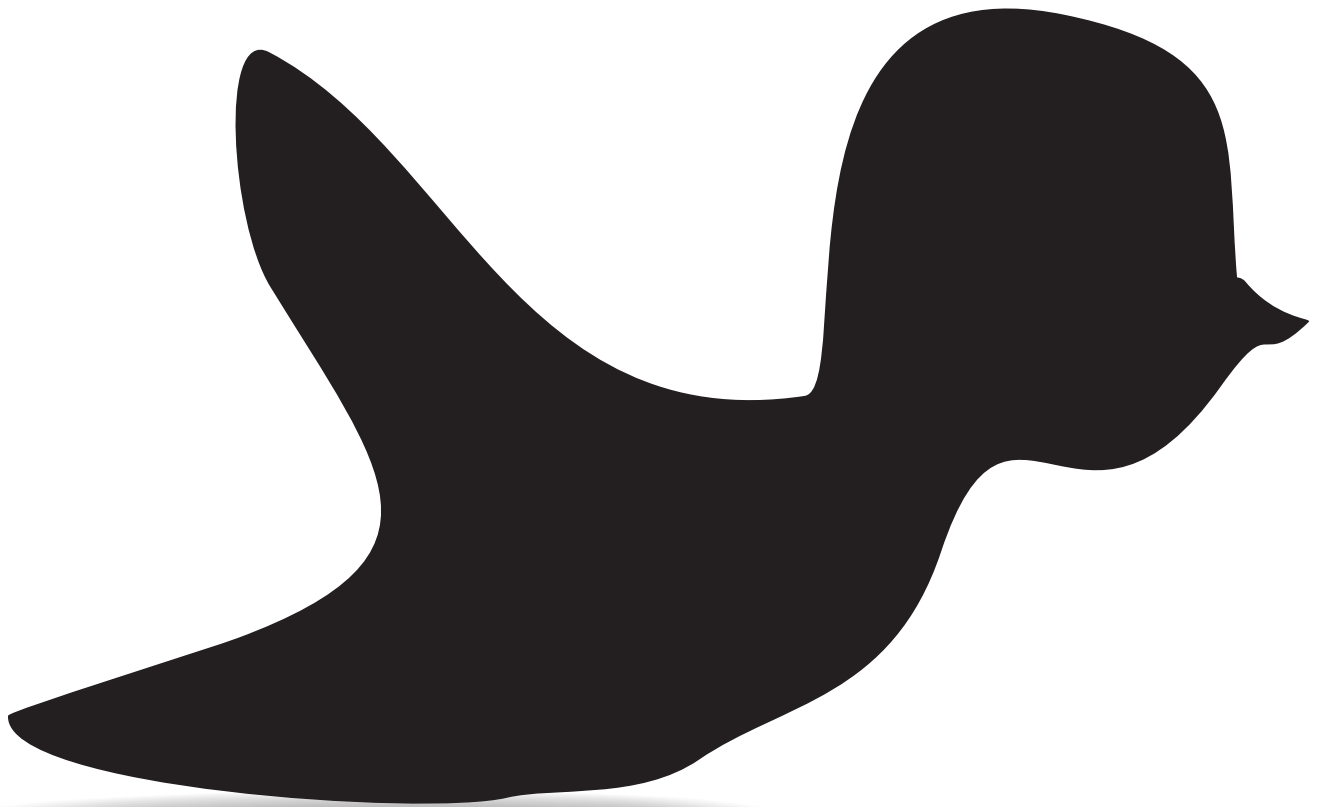


# Pássaro negro

(poemas)



Rosângela Trajano

ROSÂNGELA TRAJANO

# pássaro negro

(poemas)

LUCGRAF

NATAL

2022

**Título Original:** pássaro negro (poemas)

© Copyright 2022 by Rosângela Trajano

Todos os direitos reservados. Autorizado o uso de seu conteúdo, desde que acompanhado de citação da fonte.

Projeto gráfico, capa e revisão da autora

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Fernando Antony Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

T768p Trajano, Rosângela.  
Pássaro negro: poemas. / Rosângela Trajano. – 1. ed. – Natal/RN:  
Lucgraf, 2022.  
56p.; 21 x 29,7cm; eBook (pdf).  
  
Tamanho do arquivo: 272 KB  
Projeto gráfico, capa e revisão da autora.  
ISBN: 978-65-88011-56-0.  
  
1. Literatura brasileira. 2. Literatura – Poemas. 3. Literatura – Poesia.  
I. Título.  
  
CDU 821.134.3(81)  
CDD B869.3

*Do negror de meus oceanos a dor  
submerge revisitada esfolando-me a  
pele que se alevanta em sóis e luas  
marcantes de um tempo que aqui está.*

Conceição Evaristo

*Para Kátia Alves (in memoriam).*

## APRESENTAÇÃO

Este é mais um grito à multidão que anda na minha alma sofrendo os mais diversos tipos de preconceitos e ingratidões das pessoas que se dizem brancas e civilizadas. Uma civilização que oprime, que nos cala, que nos rouba o direito de opinar e até mesmo nos faz sentir culpa por algo que nunca fizemos. Querem que odiemos iguais eles fazem conosco todos os dias, mas sei que esta pele negra na qual habito e onde o meu corpo criou ninho jamais será tomada por nenhum tipo de vício ou sentimento inferior.

O livro “Pássaro negro” traz poemas das minhas vivências e experiências pelas marginais da vida, da loucura, da ingratidão e da sofrência de acreditar em pessoas que usam das suas branquitudes para silenciar as minhas ideias, o meu jeito de ser e se vestir, o meu cabelo cacheado e que tanto amo. Àqueles que calaram a menina de oito anos de idade que, um dia, quis ser a princesa da sua escola e foi trocada por uma garota loura de olhos azuis porque não existem princesas negras! E de fato, naquela época os contos de fadas, os desenhos animados e os filmes só traziam princesas louras.

Dou um grito à essa sociedade que abusa, que violenta, que oprime as mulheres e homens negros não os deixando crescerem nas suas mais íntimas necessidades e bonitezas. É preciso soltar o pássaro negro da gaiola, a graúna nunca cantará feliz enquanto estiver presa. Ela canta porque resiste. Ela canta porque acredita no amanhã. O espaço que desejamos estar é dentro do coração da cultura, da história, da política e da dignidade da pessoa humana.

Que as lágrimas derramadas em cada poema escrito neste livro se transformem numa lama de mangue onde há vida além impurezas de vícios e ingratidões aos outonos esquecidos dentro das ostras.

**A autora**

estranha a mim sigo esquivada do nó da opressão  
minha porta aberta recebe guardiãs perturbadas  
querem roubar-me a noite  
o que ficará de mim quando apagarem minha negritude  
trago nos pés cansados três tulipas e um pincel  
não! não apagarão meu eu  
que desce às profundezas da lama de um mangue assustado  
onde viver é parir-se continuamente  
a outra estrela dalva fugiu do céu com iansã  
tiro das águas a exatidão de anoitecer em terras ingratas  
eu sou a melancolia de ficino  
beijo mais o diabo que deus  
toda hora tem um leão no meu caminho  
sê mulher e negra antes do devir-morte

quem fez mais por mim não é meu dono  
nesta velha negritude que me habita  
chega a doer, a gemer, a suar  
essa vontade de sair de todas as moradas perfeitas da opressão  
e gritar uma teimosia arrancada do ventre da mãe terra  
faço colares de coragem para mulheres de anoiteceres festivos  
trago na alma inquietudes que necessitam gritar  
não tentem me calar  
minhas palavras são anciãs contadoras de histórias  
preciso manter-me negra  
sem idolatrias alheias a mim  
eterno é o canto da graúna no meu mangue



o tigre da escravidão  
não me assusta  
sou feita de uma noite  
que persiste na presença  
da negritude minha  
nasce a retirante da opressão  
comigo o cheiro da terra  
a lama do mangue em que me visto  
sou mulher de negras águas  
busco raízes despidas de medo  
vou desfilar no céu de oxum  
quando em noite passageira desflorar a velha ostra

entre riscos profundos  
na pele vestida em noites  
séculos escapolem ilesos  
da libertinagem do meu eu  
posso antes de fechar a gaiola  
dizer não para opressão  
pois meus medos estão além do canto da graúna  
eles se escondem debaixo  
de dias de céus sem ossos

o turbante que ora uso  
veste minha alma negra  
de espetáculos divinos  
onde os deuses são mais deuses  
porque nos pegam pelas mãos  
e nos arrebatam aos céus  
lá não tem riso opressor  
nem discórdia de ideias órfãs  
eu sempre poderei gritar  
nestes céus estrelados  
de negros pontos assustados  
ontem fomos dormir na rua

na rua do ouvidor  
existe ódio e há oprimidos  
a noite que me veste soluça  
há sangue nas minhas palavras  
assustada eu disse não  
ao feitiço do opressor branco  
que faz de mim capim seco  
onde há um fósforo sempre aceso  
ameaças escusas tecem um caos  
na terceira margem do meu olhar  
os cães ameaçam morder-me

no grande ventre da terra  
larguei a escada de nós  
fugi de todas as moradas  
cheias de fechaduras  
sofri do culto opressor  
vi o crente despir deus  
louvar tolices etéreas  
o gás asfixiou meu canto  
o que está vivo em mim  
vive assustado num canto  
eu toco tambor pra oxum

sou a lama do mangue  
despida à noite tristonha  
acaso a opressão tomou suas águas  
deixou seca a garganta  
zummmm! abelha canta para mim  
zummmm... zummmm  
polinizo meu estar aqui  
entre o vício e o vinícola  
derramar o vinho tinto para vingar  
o veto do verbo enegrecer tomates  
no estômago manchas do eclipse  
ao dia os opressores viram leões famintos  
engolem nossos rastros vivos  
o riso da marisqueira é noite em mim

de luto para o outono  
escondo meu rosto  
sofrido de maldizeres  
opressivas ignorâncias  
saídas do luxo de quem nunca necessitou ser inteiro  
minha negritude sofre com seu algoz  
tudo o que desejei ser  
virou malmequer alheio  
ainda assim repito os sonhos  
em noites com erisipela

pedra sem riso que me conta  
histórias doídas da meia noite  
onde as tulipas negras enamoram-se do caos  
morrem apaixonadas por opressores mascarados  
o outro rosto veste ódio  
sai deflorando-as com migalhas de outonos  
não sei morrer inteira por dentro  
despedaço-me no interior do sino da velha igreja  
para nascer mulher negra outra vez  
o caos é o traidor que quebra o espelho  
o pé de oxum eu beijo



há razões e há dores  
em que amar é esquecimento  
somos artífices do bem viver  
quando as estradas estão vazias  
as pedras também andam  
nas costas da mulher negra  
na sua ideia pichada pela opressão  
traçamos outros mundos  
somos corpos sujos, imundos  
eles nos matam todos os dias  
oprimem o saber dos séculos  
precisamos pedir para viver  
entrego a geometria de pitágoras  
ao meu canto feito de seno em noventa graus para iansã

oitocentos anos faço eu  
dentro de uma veste estúpida  
pra onde levaram minha negritude  
por que embranqueceram meu pensar  
relâmpago iluminou meu ser  
na negritude o alheio nos mata  
nas cinco estações do ano sem dias e nem meses  
vou plantar noites onde vive oxum  
eu preciso sair da gaiola  
pobre é a noite que não se permite ser possuída pelo espírito da  
mãe terra  
outra de mim vai parir em lama de mangue depois de amanhã  
à meia noite serei outros palmares

voltei do lado de lá  
cheia de indagações  
talvez perdidos alguns eus  
hoje sou mais noite que ontem  
sou mais pele que vida  
canto com a minha graúna  
este coração não se aquieta  
metade do mundo o oprime  
a outra o ouve bater  
quem me dera nascer de novo  
feito as glórias das manhãs  
que morrem à tardinha  
e nascem manhã cedo  
toda bruxa tem um gato  
o meu dorme numa aquarela  
preta, tu sabes que há dor no existir além muros  
insisto porque o luto não dói mais que o fracasso do grito

tomo da lama do mangue emprestado  
o seu vestido negro  
para ir atrás de mim  
eu que me fiz noite antes de nascer  
e por esquecimento de quem sou permiti embranquecerem minhas  
ideias  
larguei o outono e o colar de miçangas  
prendi o grito e sorri sem saber do quê  
as ideias alheias são traiçoeiras  
dão pão envenenado para quem tem fome de gritar  
eu vou virar noite noutra ave amanhã

o riso deixou no vento  
vontade de ficar e virar noite  
pra casar comigo  
sou o gozo da ostra  
na lama do mangue  
sou a negritude masculina  
de iansã em canto de tambor  
quando eu crescer levarei comigo os meus anciãos mortos  
meus pés dançam em contentamento  
depois da morte outra vida  
eu fui morta ontem e hoje pelo ódio do meu opressor  
resisti na lama onde a canoa solitária chora sem remos  
o gavião dorme comigo assustado  
tem horas que ouço o carvão cantar para mim  
quando queima assim como eu nas mãos do opressor

todos os dias nos matam  
porque gritamos corajosos  
não fecharemos as portas  
todas as fomes se abrem feito flores na primavera  
antes da branquitude roubar o riso da festa  
há dores nas nossas histórias ainda  
corremos com medo dos tigres brancos opressores  
nossas bocas mastigam pedras  
queremos dançar no baile até depois da meia noite  
sem precisarmos de feitiços  
o encanto estará na pele que vestimos  
de onde nasce a lama do mangue  
de onde nasce a força de acreditarmos num amanhã com menos  
ódio  
porque somos aves voadoras  
cantaremos em gaiolas fechadas  
esta vida é bonita sim senhor

aonde eu fui mais feliz  
esqueci que o opressor também sabe fingir  
ouvi amores, vi flores  
o piano tocou pra mim  
mas quando quis pegar o mundo sozinha  
quando quebrei o vaso de porcelana  
experimentei do ódio branco  
porque quis ser marinheira  
porque quis ser feiticeira  
todas as águas foram congeladas  
eu morri de sede  
eu morri de fome  
nasci depois porque os fortes nunca morrem  
eu sou planta de concreto  
resisto à dores  
a lama que visto sabe bem o que é ingratidão e morte  
minha negritude vai buscar santos de barros  
pra rezar de costas ao ódio  
iemanjá é meu bem-me-quer  
tenho uma planta chamada "comigo ninguém pode"  
quem poderá destruir a filha da mãe Terra  
estou enraizada no chão onde pisam o preto e o branco  
de onde saem os monstros eu tiro um anjo negro

*para maria luzia*

nas madrugadas  
as horas engolem os mortos  
feitos de carvão queimado  
iansã minha mãezinha  
vem acalantar meu coração  
que teme o bote da serpente  
o sujo que se diz limpo  
o branco que oprime  
minha iansã deixai-me gritar onde a dor é órfã  
e chamada de vagabunda  
porque quem nunca sentiu dor é que mente aos céus  
eu sou mistura de coragem e opressão  
iansã, a noite que me habita pede passagem pra liberdade  
do branco experimentei o ódio  
no sol calejei meu sonho  
eu quero poder ser mais gente ao luar  
ser flor onde eu chegar



apertei na mão o grito  
que não pude dar  
quando fui silenciada  
e tive meu pensar exilado  
fui buscar respostas ao acaso  
tempo, tempo, tempo  
diz-me se estou morta  
porque a noite que habita  
meu corpo perdeu o caleidoscópio  
tenho vontade de ser mais mulher negra  
de chegar-me a outras de mim  
para indagar ao opressor  
por que tanto ódio  
se como o pão no chão duro  
ando a buscar migalhas  
quem já sentiu fome  
não faz medo, não toma nada de ninguém  
deixem eu usar nos meus cabelos cacheados  
conchinhas do mar  
eu não preciso me lavar  
para sentar-me à sua mesa  
eu também sou beleza

robusto o efeito da chuva  
na lama de onde nasci  
na cruz de onde desci  
ridícula é a opressão  
que silencia a dor do parto  
a palavra de luto sai às ruas  
carregando mil gramas de coragem  
em cada sino perdido  
o badalar das horas mortas  
dão-me vida e viver é ser noite em dia branco  
para mim a sombra é a senhora que deve ser cortejada  
pelo marinheiro viajante que traz histórias seculares  
dona de mim não sou  
nunca serei, nunca serei  
eu sou do mangue  
eu sou da noite desassossegada  
nua de covardia sigo viva nas raízes ao léu  
vou contar os dias com a graúna

passo de um lado a outro  
como quem vai  
em direção a um objeto  
sou de carne e osso  
tenho a noite na pele  
e na alma gigantes medos  
de querer ser eu mesma  
com minhas ideias e poesia  
que os brancos pisoteiam  
rasgam e silenciam  
minhas vontades soluçam  
minhas cem mortes asfixiadas  
pela opressão do grito  
pelo silenciamento dos meus olhos  
amputaram minhas pernas  
chamaram-me de louca  
o que eu quis foi liberdade  
poder cheirar a orquídea  
sem contar meus erros vindos de uma impulsividade forte  
logo me disseram não mais  
meu relógio parou  
naquele março despedaçado  
sou o espírito em luto da graúna

iemanjá minha mãezinha  
protege-me da estupidez  
da maldade que acende o fósforo para queimar meu coração de  
palha  
venho da lama do mangue  
lá onde a maré baixa me fez nascer  
pertencço ao mundo das solidões  
sofro os horrores do ódio da branquitude  
ainda assim escrevo uma partitura  
com clave de sol para obatalá  
a miséria que me rodeia os pés faz com que eu tema  
deixei o pincel e as tintas, fugi  
a maré alta levou tudo  
noutra maré pintarei minha cruz  
eu tenho saudades do tempo em que a poesia me acordava em  
lama de ser tudo ou mais que tudo num riso de pequena estrela  
grande é o amor teu, iemanjá  
sou avezinha em ninho sem propósitos  
faço bolhinhas de sabão para brincar com os brincos da maré

outros cravos dirão  
palavras de brancos  
traidores nós  
a pupila busca  
o corpo morto  
dentro do vaso  
negras são sentinelas  
sem séculos mofados  
ainda calçam luvas

outro rosto

mais vontade

despertam na flor negra

a tinta velha manchou o quadro

um branco pisa o valente jardim de somente uma flor

a negritude quebra a opressão

sou segunda pele tua

traço fino em nudez noturna

a flor negra toca piano

partitura sem clave de sol

a lua acalenta noites órfãs

entre esquecimentos  
amarrados no meu sol  
outro branco pisoteou  
pequena mão calejada  
surge minha outra metade  
também negra, sim  
essas fases da lua  
sofrem negações da claridade  
o branco embalou alteridades  
outros cais não perdoam  
redes de pescar rasgadas  
eu penso em ti, pele negra

o abajur negro dorme  
na cabeceira tristonha  
luz apagada não sabe  
quem rasgou o lenço  
que era de cor, diziam  
marginais sombras  
assustam a noite fria  
em branquitude avessa  
ao sono do negro abajur  
que sonha virar ventania  
arrastar terras de ninguém  
o fantasma da senzala  
tem punhos de aço  
preto é o lenço rasgado  
guardião de lábios cansados  
de nunca dizer nada  
brancos comem lutos  
outrora mortos mais viviam



no cemitério a vela preta  
partida em pedaços  
pela opressão dos brancos  
xangô viu isso e chorou  
a lápide do negro é suja  
não tem identificação  
mesmo mortas suas flores  
resistem ao massacre civil  
da branquitude malévola  
doem os olhos dos mortos negros  
não há mais ísis no caminho  
contar luas é utopia cega  
três andorinhas juntam céus  
cesto de palha ancião  
grão de areia é imortal

eclipse entre o limbo e eu  
flor negra a despertar  
de um chão opressor  
onde brancos nos matam  
gestos, palavras, atitudes  
cospem no prato lavado  
pelas águas de um rio  
meio tristonho, meio sal  
esponjas levantam bandeiras  
salvem as flores negras  
testemunhas do bruto  
retrato picotado  
ódio plantado na terra  
faz brotar botões negros  
porque a alma é incolor  
a parteira treme as mãos  
do concreto quente  
nascem pretas sabedorias  
hoje é dia de céus  
fome castiga o funileiro  
com uma flor negra no peito  
curandeira de feridas  
aos domingos os orixás  
descem de algum lugar

o ódio cortou  
as pernas da noite  
ela não pode correr  
fez-se senhora tristonha  
à procura de coisas  
guardadas em baús  
eis a folhinha da árvore  
no colo da noite  
memórias chamam velhos  
séculos são lembrados  
correntes, gritos, sangue  
chora a noite sofrida  
atrás do senhor vento  
mora uma vontade  
de ser prece de amor  
acredito em corações  
com pontes largas  
passa a brandura por mim  
deixa um abraço lavado  
no rio das águas sorridentes  
amanhã vou ser ave de rapina

rosto pintado a dedo  
não sabe ser rei  
em uma noite negra  
todas as aves dormem  
casas de botões sem portas  
traduzem-se aos ipês negros  
venho da senzala fétida  
do tronco impiedoso  
rasgaram meu corpo  
onde caiu o sangue da noite  
nasceu um ódio branco  
pintado em séculos parados  
esse tempo mata a gente  
saudade ou ilusão presente  
sou filha de santo sem terreiro  
oferenda deixo para xangô  
vaso de barro com amor  
eu sou a infinita dor

lua diante de iansã  
acalenta a noite negra  
sem tocar chãos  
solução preso no tempo  
não há pedidos mais  
dores não choram  
noite negra virou pedra  
suas lágrimas mortas  
não disseram nada  
antes de sangrarem  
ódio que atravessa céus  
fez pedaços o sonho  
fui heroína antes de nascer

ratos comem sonhos  
eu como vontades  
vestida em noite negra  
sou ouvidos ao tempo  
tempo, tempo, tempo  
esquecimento que passa  
na ladeira um vento  
leva a lata como brinquedo  
tenho três séculos mortos  
pelo ódio enriquecido  
atrás de correntes, dores  
eu não conheço flores

rostos que se escondem  
atrás de silêncios  
que gritam para dentro  
minha negritude pode tudo  
sou o rosto do ferro  
a ferrugem não me atinge  
antes da opressão  
sigo caminhos ausentes de espinhos  
dói o silenciamento  
o embranquecimento  
das nossas histórias, dos nossos eus  
não podem nos calar em céus negros  
na lápide o morto quer falar  
passam os séculos, estranha liberdade  
cai por terra com o ódio de ninguém  
e ser opressor é ser um nada

busco na história do tempo  
qual herói não sofreu  
ódio e opressão dos brancos  
desses que aí estão  
a nos matar, a nos odiar  
porque saímos das periferias  
porque hoje somos mestres  
ensinamos culturas e saberes  
às nossas crianças  
a dor da branquitude  
não vai matar os nossos pensamentos  
fomos mortos aos montes  
hoje somos mais vida que árvore  
sozinha em canteiro de concreto  
o sol nasce para todos sempre



neste chão que piso  
nesta lama de onde surgi  
vi muita gente ser morta  
vi muita gente silenciar-se  
talvez o medo da opressão  
o silenciar-se antes da injúria  
ingratidão aos pássaros  
negros que nos cantam  
tenha se tornado sujeito de não si  
em brancos opressores  
o resgate do bem viver  
o venha a ser antes da partida  
criadores de páginas negras  
em livros mágicos feiticeiros  
as bruxas também são belas  
e outro lado da noite vem dormir  
com ogum no outono todo negro

minha graúna está presa  
numa gaiola de palitos  
ela canta porque sabe rebelar-se  
não é minha a graúna de quem falo  
é do branco que nos oprime  
eu a adotei por filha da noite  
por estrela do meu amanhecer  
todas as ruas onde entrei  
tenham saída para esquecimentos  
o embranquecimento do que sou  
das minhas lutas e ideais  
da minha alma doída e sofrida  
foi enterrado nas profundezas da terra  
eu sou a mulher negra que ora grita  
sai de céu em céu a plantar girassóis  
a outra de mim fará o mesmo  
sempre opressão a gente vive  
a gente vive.... e viver é mais ser

jardins são alegrias para as nossas almas  
o meu foi pisoteado pelo ódio do branco  
perdeu as suas pétalas e folhas  
o vento levou tudo para o esquecimento  
meu jardim de orquídeas negras  
tentava embelezar uma história doída  
corrompida por séculos de opressão  
suas flores saíam perfumando utopias profanas de brancos  
eu fui flor antes de morrer

brotei da lama do mangue  
quando a maré baixou  
a canoa abandonada  
trouxe-me para a terra  
eu visto a noite e sou feliz  
até que surja um opressor  
para desidratar meus olhos  
roubar os nutrientes das minhas raízes ancestrais  
lá no mangue a vida luta para existir  
cá fora acontece o mesmo com quem se diz noite  
amar a si mesmo é benquerer a história doída dos nossos avós  
não embranquecerão nossas falas  
nem pararão nossas lutas  
ainda que asfixiem nossas almas  
com os gases do ódio  
plantaremos girassóis negros em cada esquina  
seremos amantes da coragem  
este luto com sangue nas vestes diz das nossas batalhas  
da sabedoria pagã guardamos ritos seculares  
outrora o tempo venha costurar mais noites  
no ventre da mãe terra  
nascemos aos milhões  
pela não lavagem da nossa poesia  
o malmequer rói a roupa da rainha negra  
nós a costuraremos novamente

depois de tudo o vir a ser  
abrir as cortinas  
ver o sol iluminar nosso dia  
tocar a canção da saudade  
batizar o filho pagão  
contar para oxum dos nossos feitos  
não temer o opressor  
seguir mesmo que o caminho arda, machuque, fira  
os heróis voltam para casa feridos  
nós voltaremos vitoriosos  
porque cada vez que calarmos quem nos oprime  
quem nos causa pânico  
nascerão mais girassóis negros  
onde os reis brancos se banqueteam  
e aos súditos as migalhas  
sejamos os reis e as rainhas das nossas histórias  
escritas com sangue, suor e bravura  
o dom da cura corre nos nossos umbigos  
curaremos o mundo do ódio  
não permitiremos ser mortos  
ou engaiolados feito a graúna  
que pede liberdade há mais de vinte anos  
a cumplicidade dói no meu mundo covarde

vestida em pele preta  
quis rir de mim  
com vontade de ser feliz  
sem anunciar o luto  
do opressor de ontem  
sei que de todas as flores  
a que não morreu no século passado foi a minha  
orquídea negra de águas pagãs  
traz-me um contentamento  
para além dos campos de trigo  
onde a lama do mangue é rainha  
e eu com ela bailo o conhecer-se mito adentro  
iemanjá sabe de mim no tecer do sagrado  
pinto o sereno da noite no céu da minha boca  
deixo a canção de ninar tocar às horas apressadas  
eu voltarei depois do ódio  
com coração de loba selvagem em corpo de mulher negra que  
engole brancos igual o lamear da maré alta que engole os mortos  
o mundo é diverso e estou no seu devir  
o caos das ideias dos homens é querer embranquecer o alheio  
o carvão continuará queimando os ossos dos tolos que se acham  
donos de nada

depois de tudo  
eu anoitecer  
esperar a graúna dormir  
a lua vingar-se do tempo nublado  
esquecer o coração doído  
depois de tudo  
eu enegrecer por dentro  
e por fora enraizar-me na resistência

visto um sol negro  
para guardar sementes  
debaixo do meu grito  
resisto à branquitude  
sou a infinitude de gêmeos  
quarta margem do rio sem águas  
mataram-no na saudade  
mataram-me na opressão  
o cemitério é lindo  
com o seu luto a sorrir  
o ventre pariu a noite de obatalá  
e eu renasci a manhã de olhos negros  
exilar-se do mal é viver menos  
resistir para existir no batuque do tambor



estou a três séculos  
do cancionero esquecido  
abro o peito e recebo do vento  
a poesia da criação do mundo de obatalá  
não quero ir além de mim  
sou o soror da saudade  
meus ancestrais dormem no céu dos mortos  
resisto à maldade dos brancos que se acham mais vivos que eu  
atrás do outono fabrico minha cruz  
vou levar miçangas no dia do reencontro  
a noite sabe abraçar ideias de lutas  
eu sou a oficina do negror

a invenção da branquitude  
é não permitir vozes próprias  
de mulheres negras empoderadas  
é não deixar a gente subir as escadas do fazer-se saber  
não sabem os maldosos  
das flores negras eternizadas na poesia  
infinitude minha sai da metafísica ao corpus da ataraxia de  
epicuro  
pra pintar oxum no ritual do parto da terra  
eu sangro lutas todos os dias  
minha noite está na lama do mangue com um cristo vivo  
tênue é a linha entre a razão e a loucura  
no sertão o negro pede chuva  
no baile o negro para a orquestra para cantar à liberdade

meu coração vagabundo  
quer rasgar o mundo pra mim  
sou a noite sem núpcias  
o grito silenciado  
a resistência oprimida  
quero um mundo pra mim  
talvez meio bandido morto  
tatuarei na alma os ossos dos que não puderam gritar  
meu cheiro de lama incomoda  
o velho burguês na cafeteria de luxo  
diamante negro não se dá aos porcos  
lapidar a pedra bruta para amar além negror  
minha labuta é no cais do esquecimento  
onde sou guardiã dos segredos das graúnas  
os pássaros fogem das gaiolas  
eu fujo da branquitude que quebra a outra de mim



Rosângela Trajano é negra, moradora de periferia, licenciada e bacharel em filosofia, mestra em literatura, escritora, poeta, ilustradora e diagramadora. Estuda Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Ensina inglês e filosofia às crianças da sua rua de forma voluntária na varanda da sua casa. Já escreveu vários livros

para crianças, gosta de pesquisar sobre a literatura portuguesa, escrever poemas épicos e filosofar sobre a infância. É colunista do site Fãs da Psicanálise, Capital do Sertão e Nei Pies. Aventura-se também no mundo das charges. No seu pequeno mundo moram crianças dos mais diferentes sorrisos que gostam de ouvir as suas histórias inventadas na hora da contação. Leva uma vida simples na sua casinha pequena onde mora com a sua mamãe num bairro com pessoas que contam séculos de vida. Na infância, tomou banho de cacimbinha e vendeu tapiocas com a sua tia Rosa. Simplesmente é uma pessoa feliz apesar de algumas dores na alma crescerem hora ou outra quando sofre opressão. Uma das coisas que gosta de fazer, atualmente, é costurar bonecas de pano. Sabe dar vida ao muro da sua casa escrevendo nele versos desassossegados. Atualmente, trabalha como cuidadora de estrelas.

Primavera de 2022

Este livro foi composto na fonte

Times New Roman, tamanho 16



